

O DISCURSO ANTI-BOLSONARO NA REDE DIGITAL *YOUTUBE***THE ANTI-BOLSONARO DISCOURSE ON THE DIGITAL NETWORK
*YOUTUBE***Antoniél Guimarães Tavares Silva¹Laurianne Guimarães Mendes²Anísio Batista Pereira³**RESUMO**

Objetivamos, neste trabalho, analisar o discurso anti-Bolsonaro na rede digital *YouTube* a partir das transcrições dos dizeres dos *youtubers* Nando Moura, Arthur do Val e Gabriela Prioli. Para tanto, acionamos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente com base nos estudos de Foucault para desenvolver uma perspectiva arqueogenealógica de investigação. Além do mais, este artigo mobiliza os conceitos de *enunciado*, *discurso* e *sujeito* nos entremeios das relações de *saber*, *poder* e *subjetivação*. Dessa forma, intentamos examinar de que modo esses comentaristas políticos se constituem em sujeitos mediante a adoção de estratégias discursivo-políticas específicas, as quais atribuem a cada sujeito uma posição discursiva. Logo, recortamos alguns enunciados que se vertem em sequências discursivas, e averiguamos a existência de condições de possibilidade históricas e regulares para a emergência de formações discursivas presentes no *corpus*, que se referem ao pronunciamento do atual presidente da República na ONU, ocorrido em 2021. Enfim, constatamos a constituição de um discurso anti-Bolsonaro pautado na circularidade de uma verdade em detrimento a uma contraverdade e, além disso, na divisão do sujeito Bolsonaro em duas posições no discurso político divergentes, sendo uma filiada à relação com sujeitos apoiadores e outra à relação com sujeitos antagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: enunciado; discurso; sujeito; discurso anti-Bolsonaro.

ABSTRACT

We aim, in this work, to analyze the anti-Bolsonaro discourse on the YouTube digital network from the transcripts of the sayings of youtubers Nando Moura, Arthur do Val and Gabriela Prioli. In order to do so, we trigger the theoretical-methodological apparatus of French Discourse Analysis, specifically based on Foucault's studies to develop an archeogenealogical perspective of investigation. Furthermore, this article mobilizes the concepts of *utterance*, *discourse* and *subject* in the midst of the relations of *knowledge*, *power* and *subjectivation*. In this way, we intend to examine how these political commentators constitute themselves into subjects through the adoption of specific discursive-political strategies, which attribute to each subject a discursive position. Therefore, we cut out some statements that are translated into discursive sequences, and we investigate the existence of historical and regular conditions of possibility for the emergence of discursive formations present in the *corpus*, which refer to the pronouncement of the current president of the Republic at the UN, which took place in 2021. Finally, we found the constitution of an anti-Bolsonaro discourse based on the circularity of a truth to the detriment of a counter-truth and, in addition, on the division of the subject Bolsonaro into two divergent positions in

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq). E-mail: gui.antoniel@gmail.com

² Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: laurianneguime@gmail.com

³ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq). E-mail: anisiopereira2008@hotmail.com

political discourse, one being affiliated with the relationship with supporting subjects and the other to the relationship with antagonistic subjects.

KEYWORDS: statement; discourse; subject; anti-Bolsonaro discourse.

INTRODUÇÃO

O grande aumento da circulação de informações nas redes digitais na atualidade brasileira, especialmente no ano de 2021, demonstra a relevância do papel social que esses meios de comunicação desempenham em diversas instâncias políticas e culturais. No presente contexto, deparamo-nos com uma grande variedade de possibilidades em fazer circular conteúdos cada vez mais influentes na conjectura histórica na qual nos inserimos. Dessa forma, segundo Gregolin (2020), o desenvolvimento de suportes midiáticos comuns como jornais ou revistas no passado são, gradativamente, substituídos por ambientes virtuais que, além de aumentar a velocidade de disseminação de notícias, por exemplo, gera a oportunidade de sujeitos de distintos lugares sociais emitirem suas heterogêneas perspectivas sobre determinadas temáticas. Uma dessas redes digitais em que os usuários se inserem em um espaço legítimo de fala é a plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*.

Essa plataforma se tornou uma das redes digitais mais eminentes na atual conjuntura histórica, pois permite ao usuário produzir vídeos com finalidades variadas, como entretenimento, publicidade, notícias, arte, dentre outras. Uma dessas modalidades se refere aos vídeos postados pelos chamados *youtubers*, produtores de conteúdos que atribuem aos seus canais a responsabilidade pelo que elaboram e tornam público. Além do mais, a popularidade de um canal pode ser mensurada não somente pela relevância da temática, mas também pelo número de visualizações de cada postagem, assim como pela quantidade de inscritos. Os canais com um grande volume de membros inscritos conseguem atingir uma parcela significativa dos internautas e isso evidencia a pertinência desses produtores para instituições sociais. Em vista disso, constatamos que *youtubers* com um engajamento expressivo dentro da plataforma representam o interesse dos usuários pelos objetivos apresentados independentemente se compactuam ou não com o conteúdo.

No contexto das análises de discursos produzidos no âmbito digital, que têm sido bastante aderidas pelos analistas de discursos, consideramos relevante problematizar que se tratam de especificidades que influenciam nos sentidos das produções. As práticas discursivas na contemporaneidade ocorrem em grande parte nas mídias digitais, como, por exemplo, no *YouTube*, que possibilita a adoção de estratégias como forma de controle e de se criar efeitos de verdade dos enunciados. Em seus apontamentos, Paveau (2021) destaca o denominado “tecnodiscurso”, e o define como o discurso nativo nas plataformas digitais sob influência da tecnologia, que envolvem alguns elementos linguageiros e técnicos específicos, como a clicabilidade, o que impacta as análises discursivas. Além disso, nessas produções midiáticas, as produções discursivas envolvem agentes não humanos nessas dinâmicas em ambientes digitais. Essa teórica propõe certas características para os tecnodiscursos, tais como a *composição*, a *deslinearização*, a *ampliação*, a *relacionalidade*, a *investigabilidade* e a *imprevisibilidade*.

Essas possibilidades no contexto das práticas discursivas digitais, especialmente pelo fator *relacionalidade*, induzem efeitos de memória, por meio das relações entre enunciados. Além disso, as possibilidades de interações entre os sujeitos sugerem que as relações de saber e de poder por meio dessas plataformas ocorram de formas específicas, dada a possibilidade da instantaneidade e rapidez com que os acontecimentos discursivos na rede se dispersam. Ademais, pelos outros fatores, essas interações são possibilitadas por esses meios tecnológicos, o que tornam essas produções específicas, aliando-se linguagem e tecnologia, com destaque para a constituição de subjetividades pelas condições de possibilidade na história. Além disso, essas composições

tecnolinguageiras ampliam as possibilidades do enunciado, dado pela multimídia, que agrega linguagem verbal (texto), imagem e áudio, além do vídeo que se traduz em imagem animada (PAVEAU, 2021).

Nesse contexto, direcionamos o interesse deste trabalho para a análise dos dizeres de três *youtubers* com relevante engajamento nessa rede digital, de modo a investigar de que maneira eles se constituem em sujeito mediante a emissão de suas opiniões a respeito de um mesmo acontecimento histórico. Para tanto, selecionamos os canais de Nando Moura, músico e empresário, com 3,17 milhões de inscritos; de Arthur do Val, deputado estadual de São Paulo, membro do Movimento Brasil Livre (MBL) e empresário, com 2,78 milhões de inscritos; e de Gabriela Prioli, professora universitária, advogada criminalista e, atualmente, apresentadora do programa *À Prioli*, exibido pela *CNN Brasil*, com 788 mil inscritos. Em comum, os três canais abordam, essencialmente, temáticas sobre análises políticas, problemáticas sociais e impactos culturais. Devido ao significativo alcance público dessas personalidades, consideramos pertinente e exequível averiguar de que guisa esses *youtubers* se constituem em sujeitos no que chamaremos de discurso anti-Bolsonaro a partir da análise da transcrição dos dizeres tomados como enunciados, já que buscamos identificar regularidades das estratégias discursivo-políticas a fim de pensar em uma posição do sujeito anti-Bolsonaro.

No presente estudo, almejamos demonstrar, ante o exame das opiniões emitidas, quais regularidades se articulam com a história à medida que os sintagmas se dispõem, como os sujeitos dinamizam relações de poder exercidas pelo presidente da República e sob quais técnicas esses sujeitos ocupam uma posição no discurso anti-Bolsonaro para proferir os enunciados. Dessa forma, objetivamos delinear os fatores sociais, históricos e políticos da instauração desse discurso anti-Bolsonaro nos enunciados produzidos pelos sujeitos Nando Moura, Arthur do Val e Gabriela Prioli referentes a um mesmo tópico. Ademais, acreditamos que esses sujeitos se constituem, mutualmente, sob semelhantes condições históricas a partir do imbricamento de táticas antagonistas à gestão do presidente da República acerca dos impactos da pandemia da covid-19 no ano de 2021.

A fim de subsidiar esses objetivos e atestar a hipótese mencionada, situamos este trabalho no aporte teórico da Análise do Discurso de linhagem francesa com condução de discussões epistemológicas dos estudos de Michel Foucault. Assim sendo, para a realização da análise, recortamos as obras basilares da vertente foucaultiana *A arqueologia do saber* (2008), *A ordem do discurso* (1999), *Vigiar e punir* (2004) e *O sujeito e o poder* (1995), em razão de fomentarem a construção de um procedimento metodológico amplamente discutido nos estudos linguísticos desse autor chamado de arqueogenealogia do sujeito. Nesse sentido, avaliamos a viabilidade deste estudo conforme discutimos sobre as relações de *saber e poder* em consonância com a produção de elementos de subjetivação. Por outro lado, também acionamos os estudos de Fernandes (2012) para aferir a operacionalização das concepções a título de articular a observação do *corpus*.

Posto isso, tomamos a transcrição dos dizeres dos *youtubers* como material de análise. Ainda, recortamos os trechos em que os indivíduos tratam da mesma temática, mas emitem suas respectivas opiniões baseadas em estratégias discursivo-políticas singulares. Ressaltamos que, de acordo com a premissa da arqueogenealogia do sujeito, os dizeres são convergidos em enunciados, os quais chamamos de *seqüências discursivas*, para compor o *corpus*. Olhar para a *seqüência discursiva* se remete a analisar o enunciado crivado em seu lugar social, histórico, cultural e político com o propósito de identificar as propriedades de emergência de um discurso, isto é, elegemos as seqüências discursivas com o intuito de desenredar o discurso anti-Bolsonaro em conformidade com as regularidades das condições de possibilidade, para que esses enunciados sejam dinamizados naquela modalidade específica atendendo a um interesse comum. Além do mais, por meio desse movimento de leitura do enunciado e do discurso, conseguimos fazer ver os traços de constituição de uma posição do sujeito naquele discurso e isso condiz com a existência de um lugar comum de ocorrência dessa formatação.

Por conseguinte, procuramos desenvolver esta pesquisa em três momentos distintos. Preliminarmente, empreendemos a dissertação das noções epistemológicas apresentadas por Foucault, na esteira da arqueologia do saber, a respeito da problemática do *enunciado*, das condições de possibilidade da instauração de *discursos* e das propriedades da constituição do *sujeito* histórico. Ulteriormente, introduzimos as concepções de *ordem do discurso*, *disciplina* e *subjetivação* para refletir sobre a perspectiva genealógica de exame das relações de poder com a assistência das corroborações dos estudos foucaultianos sobre as técnicas disciplinares da vigilância e punição. Além disso, recorreremos às noções de *sujeito* em correlação com o saber e o poder atravessados pelo pressuposto de que todo sujeito ocupa uma posição no discurso em concordância com as estratégias discursivo-políticas inerentes àquela produção específica do enunciado. Enfim, realizamos a análise do *corpus*. A princípio, elencamos os critérios de recorte do *corpus* para, depois, mostrarmos, por meio da eleição de ocorrências enunciativas, como o discurso anti-Bolsonaro atravessa os dizeres. Por último, reunimos as constatações visando responder à hipótese inicial e atender ao objetivo deste trabalho.

Salientamos que o campo da Análise do Discurso francesa, assim como os estudos foucaultianos, preocupa-se em descrever como um determinado discurso se patenteia nos enunciados produzidos pelos sujeitos enquanto uma materialidade discursiva, especialmente no contexto digital. Dessa forma, não procuramos defender uma ou outra posição do sujeito delegando uma verdade absoluta ou imperante sobre outras verdades, já que tomamos por verdade, neste estudo, uma instância sempre em construção e perpassada por impasses históricos que sinalizam a pluralidade de posições possíveis de sujeitos em um mesmo discurso. Assim sendo, defendemos a proposição de que as posições do sujeito descritas neste artigo compõem um arsenal multifacetado de caminhos de análise possíveis, pois, apesar de o material de análise se situar em conteúdos essencialmente partidários, não intentamos predominar um posicionamento, mas, sim, demonstrar a movimentação dos elementos de subjetivação no *corpus*.

1 O problema do enunciado, a concepção de discurso e a constituição do sujeito em Foucault

Para pensar sobre o recorte das transcrições das asseverações dos *youtubers*, trazemos para discussão a problematização realizada por Foucault (2008) ao tratar as materialidades significativas não mais em sua imanência estruturalista, mas funcional. Destacamos que a noção de função aqui empregada não se limita a depreender uma relatividade do enunciado, mas, pelo contrário, tenciona esse enunciado inserido em uma dada conjectura histórica. Posto isso, o autor traz para os seus estudos uma relação entre a *História Tradicional* em contraposição ao que ele chamou de *Nova História*. Se, por um lado, a *História Tradicional* se preocupa com as continuidades dos registros das mais diversas modalidades, por outro, a *Nova História* subverte essa premissa e se direciona para o *descontínuo*, isto é, para a abordagem dos elementos históricos a partir de sua manifestação própria em dada atualidade do escopo. Logo, as ocorrências enunciativas neste trabalho sempre se referem a uma tomada da materialidade significativa enquanto um acontecimento, ou seja, uma função histórica singular.

Além disso, consideramos relevante ponderar acerca da transformação do enunciado temporalmente. Isso implica dizer que um enunciado sempre se refere a algo que lhe é exterior, algo que está para além do linguístico empírico. Aqui, atestamos, o enunciado se insere em um jogo descontínuo do acontecimento histórico, ou melhor, revolvemos essa materialidade sempre em operação, sempre em construção e atravessada por instâncias subjacentes, como os aspectos sociais, políticos ou culturais. Assim sendo, Foucault (2008) estabelece essa distinção entre as duas perspectivas de olhar para o fazer histórico mediante a apresentação do enunciado em funcionamento, isto é, do enunciado como uma manifestação discursiva. Para tanto, desenvolve uma visão para o que há de regular nessa covalência histórica ante a observação não mais daquilo

que se repete, mas do que se direciona para o princípio da formulação. Esse princípio se enquadra na noção operante de formação discursiva a qual presume a seguinte reiteração:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A saber, ainda segundo Foucault (2008), essa descrição do enunciado se situa no isolamento de quatro âmbitos possíveis. O primeiro deles, os objetos, remete-se a fazer inferir sobre o que se fala em dada formação discursiva a qual reintegra esse enunciado em uma outra formação discursiva distinta, conforme a circularidade do que se diz apresenta semelhantes complexos de agrupamentos. O segundo, os conceitos, segue a mesma linha de racionalidade, no entanto, não se refere ao que se produz, mas, sim, à identificação de um mote de enunciados intrínsecos a um mesmo elemento epistemológico. O terceiro, os tipos de enunciação, caracteriza a dissemelhança dos agrupamentos de enunciados por meio de sua função pragmática em cada manifestação em dadas materialidades. Por último, o quarto âmbito, as escolhas temáticas, particulariza o recorte de enunciado com fulcro na inogeneidade entre o que se diz em diferentes circunstâncias; contudo, sob uma similar materialidade semântica. Porém, essas quatro premissas não conseguem explicar de maneira nítida e abrangente como o fenômeno linguístico sofre um número impreciso de formulações, por vezes, no nível da exterioridade. Por esse motivo, converge-se o olhar do historiador para os *sistemas de dispersão* que abordam os agrupamentos de enunciados não mais pelas suas regularidades das materialidades repetíveis, mas, sim, pela regularidade das condições de emergência naquela atualidade histórica.

Assim, projetamos delimitar, nesta investigação, como um enunciado se relaciona com outros enunciados cronologicamente a partir do que há de disperso, mas, ao mesmo tempo, suscetível de descrever as regularidades da formulação, uma vez que, segundo Foucault (2008, p. 111), “Não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...]”. Reatualizar significa colocar um inalterado enunciado sob diferentes condições de possibilidade e, pela interferência histórica, produzir diferentes sentidos. Em outras palavras, um mesmo enunciado pode se repetir em dizeres produzidos por diferentes sujeitos; todavia, apesar de conservar os mesmos sintagmas, transformam-se as suas propriedades e se tornam outros. Por conseguinte, a formação discursiva se conduz para o isolamento de um discurso quando atravessa o enunciado e determina variadas exigências do acontecimento histórico. Para fomentar essa noção de discurso, mobilizamos a aula inaugural de um de seus cursos no *Collège de France*, publicado e intitulado como *A ordem do discurso*. Nesse texto, Foucault (1999) inicia sua exposição alegando que tudo o que produzimos, que enunciamos, faz parte de uma ordem, ou seja, o que dizemos sempre se relaciona a algo que já fora produzido anteriormente, o chamado *já-dito*. Além disso, não pronunciamos qualquer coisa em qualquer lugar ou a qualquer tempo, pois tudo o que emitimos se insere em um lugar de ocorrência concatenado com certas instâncias sociais, políticas e culturais. Para tanto, recorreremos à seguinte explicação do autor:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

O *discurso*, portanto, concerne em verificar quais requisitos prováveis de elaboração se mostram sucessivos e podem ser visualizados no enunciado. Esses procedimentos mencionados tratam de excluir o fator da aleatoriedade na produção dos enunciados, porque tudo o que se diz, segundo o autor, provém de circunstâncias estabelecidas pelas estratégias dos sujeitos em prol de se valer de uma verdade distintiva. O conceito de verdade, aqui, alude a um conjunto de enunciados tencionados para um lugar comum, ou melhor, a uma regência por parte dos sujeitos ao que se pode ou deve ser articulado naquele momento. Evidentemente, não afirmamos que todos os enunciados são essencialmente controlados por esses fatores da exterioridade, já que entendemos que a presença de resistências afeta esse domínio. Para dar conta dessa questão, acionamos a concepção de *prática discursiva*, retirada da obra *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*:

As *práticas discursivas* caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas (FOUCAULT, 1997, p. 11, grifos no original).

Portanto, esse jogo de exclusões e escolhas estabelece relações de poder entre sujeitos em liame. Um indivíduo se torna sujeito quando se divide em posições distintas em um discurso procedente diante da apresentação de normatizações institucionais. Assim, adotar uma posição implica nas circunstâncias de formatação de um discurso, já que tornar-se *sujeito* a se arrola com a premência dos enunciados, isto é, todo enunciado possui um sujeito ocupante de uma posição no discurso. Ainda segundo Foucault (2005), compreendemos que o termo sujeito pressupõe essa posição em dada relação de poder, haja vista o poder que se exerce sobre o sujeito por meio de práticas discursivas específicas. Desse modo, trazemos a noção de relação de poder concebida na obra *Vigiar e punir*, de Foucault (2004), a fim de perpassar o advento da *disciplina*. Essa se remete a um esquema de controle sobre os corpos dos indivíduos constituídos em sujeito pelo atravessamento social, histórico e político.

Isso induz a razoarmos sob qual ótica o exercício do poder se arquiteta a partir de certos procedimentos de análise, em consequência de, consoante com a perspectiva de Foucault (2004, p. 118), “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”.

Dessa maneira, o sujeito se torna dócil e útil para uma determinada instituição social e íntegra, assim, uma rede de relações as quais se ordenam e se organizam a partir de regras estabelecidas e certificadas por um consenso firmado pela conjectura de outros sujeitos. No entanto, consideramos que essas relações não se restringem a um dominador de um lado, e um dominado do outro, mas, pelo contrário, convalidam-se pela posição que o sujeito desempenha naquela condição própria. O sujeito, portanto, ocupa um lugar no discurso; contudo, pode se mover para outra posição à medida que as circunstâncias se alteram, tais como as formas de resistência. Para ilustrar, trazemos a contribuição de Fernandes (2012):

Como todos os tipos de poder, o poder disciplinar visa a conduzir a conduta dos sujeitos; intervém, ou procura intervir, em todas as ações do sujeito, seu alvo, não deixando escapar nem um gesto, nem um instante, antes mesmo de que a ação se realize, ou seja, no momento em que a virtualidade está se concretizando, tornando-se realidade (FERNANDES, 2012, p. 62).

Em suma, o chamado *poder disciplinar* sugere uma intervenção na prática discursiva dos sujeitos inseridos em uma instituição social quando dinamiza e gerencia os elos, conforme cada

sujeito pode ou não pronunciar certos enunciados ante as suas vinculações normatizadoras. Ou seja, o sujeito surge de uma série de concatenações que delineiam os incursos prováveis e politicamente suscetíveis em um discurso. Visando dar conta desse poder disciplinar, preconizamos o procedimento metodológico da *genealogia do poder*. Diferentemente da arqueologia do saber, que se preocupa em esquadrihar os enunciados em busca de um princípio de formulação, a genealogia do poder se interessa em descrever de que maneira o exercício do poder se aplica às relações entre sujeitos em um discurso. Foucault (2004) afirma que o indivíduo se constitui em sujeito nessa esteira de coexistência de sujeitos, pois sinaliza a materialização de um discurso no enunciado em conformidade com as regras disciplinares vigentes em uma instituição social.

Nesse contexto, ao refletir sobre esse princípio que podemos chamar de *arqueogenealogia do sujeito*, compreendemos que as relações de saber e poder não se eximem durante a análise do enunciado. Também entendemos que, onde há sujeito, há poder, dominação e resistência. Ademais, mencionamos as proposições apresentadas no texto *O sujeito e o poder*, no qual Foucault (2005) discute a respeito dessa relação entre sujeito e o poder. Primeiramente, ressaltamos que o poder implica sempre um exercício sobre o sujeito, ou seja, resulta na exequibilidade de dominar, mas, também, sempre na possibilidade de resistir. Logo, reiteramos a seguinte colocação:

É a forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 2005, p. 235, grifo no original).

Por conseguinte, pensar a análise do sujeito significa identificar, no enunciado, essa arquitetura de controle e de instauração de identidades na instituição social. No caso do nosso *corpus*, algumas questões são basilares, tais como a relevância de um discurso produzido pelo presidente na ONU, procedimento sanitário, no caso, a vacina, que envolve um saber da medicina que resulta no controle, e o que está em jogo nesse embate tecnodiscursivo pelo *YouTube*. De acordo com Foucault (2005), as práticas discursivas dos sujeitos se convalidam por esses motes de domínio do saber-poder, não no sentido de descrever as propriedades de uma formação discursiva, mas, sim, de demonstrar, a partir da análise de uma materialidade, como diferentes formações discursivas fazem emergir sujeitos históricos singulares e crivados por uma sociedade coordenada por interesses políticos. Portanto, consideramos suficiente essa discussão para desenvolver uma análise arqueogenealógica do sujeito fundamentado na investigação do que nomeamos de discurso anti-Bolsonaro.

2 O discurso anti-Bolsonaro na rede digital *YouTube*

O material de análise recortado para este trabalho se compõe pela transcrição dos dizeres de quatro vídeos publicados na rede digital *YouTube*, sendo o primeiro intitulado “Bolsonaro na ONU: assista à íntegra do discurso na Assembleia Geral”, do canal UOL, o qual apresenta o pronunciamento do presidente da República. Os demais vídeos consistem em comentários de três *youtubers* que emitem suas análises políticas a respeito desse pronunciamento, sendo eles “*React*: Bolsonaro é humilhado”, do canal Nando Moura; “*React*: discurso do Bolsonaro na ONU – Que vergonha!”, do canal Mamaefalei, de Arthur do Val; e “Bolsonaro na ONU: a vergonha do Brasil”, do canal Gabriela Prioli.

A fala de Bolsonaro ocorreu no dia 21 de setembro de 2021, e os respectivos comentaristas políticos postaram os vídeos na plataforma virtual em menos de um dia após a publicação do discurso. Dessa forma, verificamos a atualidade dos dizeres concatenados historicamente. Assim sendo, valemo-nos, como critério de recorte do *corpus*, primeiramente, dos

enunciados produzidos pelo presidente relacionados, especificamente, ao momento em que se refere à postura do seu governo diante do processo de vacinação e da defesa do tratamento precoce como medida de combate aos impactos negativos da covid-19 no país. Além do mais, selecionamos, a partir da fala dos *youtubers*, os dizeres concernentes à avaliação desse trecho do pronunciamento. Logo, tomamos como *seqüências discursivas* uma temática específica a fim de isolar as correlações semânticas acarretadas pelos três enunciados suscetíveis a assentarem prováveis recorrências significativas.

Nesse sentido, almejamos nos filiar ao aporte do campo da Análise do Discurso para prosseguir no esquadramento dos recortes. Em outras palavras, não pretendemos elencar uma série de significados a partir de uma prática de interpretação da materialidade, mas, pelo contrário, direcionamos o olhar para as condições de possibilidade de emergência de discursos nos enunciados, de modo a evidenciar posicionamentos dos sujeitos históricos. Em função disso, cabe esclarecer que não apresentamos, neste artigo, a reiteração de uma verdade unívoca em detrimento a verdades discordantes; propomos, porém, a montagem de uma arquitetura de estratégias discursivo-políticas em que os sujeitos se filiam para configurar o seu dizer. Logo, não expomos a defesa de um posicionamento partidário ou outro, pois acreditamos que a concepção de verdade se vincula a um processo de construção histórica à medida que o exame das materialidades se subverte na emergência de certos discursos.

Isolamos, além do mais, um objeto de análise específico nomeado de discurso anti-Bolsonaro. Esse discurso se instaura nos enunciados conforme identificamos regularidades históricas presentes na fala de cada analista político. Essas regularidades ecoam na manifestação da opinião em articulação com a posição do sujeito nesse discurso defronte a ocorrência de elementos constitutivos visualizados nos termos e sintagmas. Assim, como apresentado na fundamentação teórica, convertimos os indivíduos em sujeitos crivados pelos atravessamentos sociais, culturais e políticos a fim de sumarizar de que maneira essa posição se atrela a condições de produção histórica específicas e condizentes com a mobilização do discurso em tela. Logo, se, de um lado, temos o pronunciamento do presidente da República, que faz emergir o sujeito Bolsonaro, de outro, temos os dizeres proferidos pelos três *youtubers* que também imputam uma prática de resistência e fomentam, conseqüentemente, a instalação de instâncias discursivas passíveis de caracterizar um sujeito anti-Bolsonaro, em conformidade com as regularidades das probabilidades de isolamento de um mesmo discurso.

Nessa perspectiva, delineamos o procedimento metodológico de investigação das seqüências discursivas calcado, inicialmente, na proposição dos quatro recortes respectivamente e, em seguida, delimitamos a rota teórica em batimento com a demonstração das ocorrências enunciativas, visando mostrar como a organização dos sintagmas integram a circulação dos significados. Dessa forma, evidenciamos as estratégias discursivo-políticas exercidas por cada sujeito consoante com a descrição dos acontecimentos históricos periódicos. Ressaltamos, ainda, que o dizer do presidente da República se estabelece como o enunciado primeiro, e os dizeres dos comentaristas se determinam como os enunciados segundos, pois os sujeitos se constituem a partir da sua relação com o outro no discurso. Logo, seguem as seqüências discursivas organizadas pelos recortes provenientes do interesse procedimental de análise do objeto discurso anti-Bolsonaro:

Jair Bolsonaro: Apoiamos a vacinação. Contudo, o nosso governo tem se posicionado contrário ao passaporte sanitário ou a qualquer obrigação relacionada à vacina. Desde o início da pandemia, apoiamos a autonomia do médico na busca do tratamento precoce seguindo a recomendação do nosso Conselho Federal de Medicina. Eu mesmo fui um desses que fez o tratamento inicial.

Nando Moura: Mentiroso! Procure aí a Lei 13.979, de 2020 onde ele assinou a vacinação compulsória das pessoas, vacinação forçada. Ele assinou. Não acredite em mim não. Procure aí a Lei 13.979, de 2020. E este cara foi a favor da vacina onde? Que realidade é essa que vocês criaram? Que realidade é essa que vocês criaram? Através do exemplo, ele tem feito com que as pessoas fiquem cada vez mais aterrorizadas de tomar a vacina. [...] E o cara falar que “Eu sou a prova do tratamento precoce”, que não existe. E eles continuam nisso, cara, nos grupos de *WhatsApp*. É ivermectina, remédio veterinário para vaca, é azitromicina, é cloroquina, é tudo que os caras inventam ali, cara. [...] Pior que este cara, é só quem ainda o apoia, quem ainda não acordou. Acorde, meu irmão. Saia desta matrix. [...] É isso aí, para você ver a situação do país.

Arthur do Val: Isso aqui ele está falando para quem? O cara vai na ONU falar contra passaporte sanitário. E sabe para quem ele está falando? Ele não está falando para a ONU, ele está falando para o gado dele. Ele está pegando o Brasil, a credibilidade do Brasil, jogando na lata do lixo para que meia dúzia de idiota diga “É isso aí, mito, vacina é o caramba!”. Ah, não, não pode... Eu não posso acreditar... O cara vai na ONU falar de tratamento precoce... Não funciona no mundo inteiro, isso não funcionou. Isso é criminoso. Isso é criminoso. Vir falar de cloroquina a essa altura, irmão. Isso é criminoso. Isso matou gente. [...] Esse é o nível do presidente do Brasil, cara. [...] Não existe nada mais urgente do que derrubar esse cara. Nós não podemos mais ser essa piada internacional. Nós pagamos a conta. [...] Lembre-se disso, lembre-se disso o ano que vem.

Gabriela Prioli: Como ele está sempre na corda bamba, o presidente faz um jogo. Ele se recusa a se vacinar, mas ele diz que ele sempre apoiou a vacinação. A essa altura, a gente já sabe que a vacinação é uma estratégia coletiva. Se a maioria da população fosse o Bolsonaro, a gente continuaria morrendo aos milhares por dia e a nossa economia continuaria fechada. Prestem atenção de quem é a culpa pelo que a gente está vivendo. [...] Uma coisa que eu reparei na hora que ele foi defender o tratamento precoce, foi essa puxada do Conselho Federal de Medicina para junto dele. Fica aí o alerta para o Conselho Federal de Medicina de que essa é uma boa oportunidade para se desvincular dessa maluquice. Vocês estão vendo o que aconteceu com os militares que se amarraram nesse governo e não saíram enquanto era tempo. Um abraço de afogado. [...] Ele sabia o que ele precisava fazer e não fez porque o Jair só pensa nele mesmo e ele te ferrou, nos ferrou, não porque ele não sabia, mas porque foi isso que ele quis fazer. Não se iludam. O Jair Bolsonaro não serve para ocupar a cadeira da presidência.

Em primeiro lugar, verifiquemos de que maneira esses enunciados, tomados como materialidades significativas, mostram-se funcionais em uma conjectura histórica própria. Iniciemos com a afirmação realizada por Bolsonaro ao dizer “Apoiamos a vacinação”. Aqui, o sujeito Bolsonaro se caracteriza como aquele participante de um grupo de outros indivíduos ao conjugar o verbo na primeira pessoa do plural, *nós apoiamos*, ou seja, compartilha a responsabilidade do seu dizer com os outros membros de seu governo. Em seguida, Nando Moura analisa essa afirmação em “E este cara foi a favor da vacina onde? Que realidade é essa que vocês criaram? Através do exemplo, ele tem feito com que as pessoas fiquem cada vez mais aterrorizadas de tomar a vacina”. Aqui, verificamos que o sujeito Nando Moura direciona o seu dizer a um sujeito interlocutor ao realizar questionamentos e, em seguida, responde às perguntas ao alegar que o comportamento do presidente se contradiz com a realidade do país.

Já Arthur do Val diz “E sabe para quem ele está falando? Ele não está falando para a ONU, ele está falando para o gado dele. Ele está pegando o Brasil, a credibilidade do Brasil,

jogando na lata do lixo para que meia dúzia de idiota diga ‘É isso aí, mito, vacina é o caramba!’”. Nesse caso, o sujeito Arthur do Val também monta o seu argumento se direcionando a um sujeito interlocutor e, depois, responde a essa indagação com a citação da fala de um suposto apoiador do presidente, isto é, desloca o sujeito interlocutor de uma posição, até o momento, anônima, para uma posição antagônica à postura de Bolsonaro ao discriminar o seu público dos “gados” e “idiotas” que defendem o presidente da República, aqui, chamado de “mito”.

Por último, Gabriela Prioli articula sua avaliação no trecho “Como ele está sempre na corda bamba, o presidente faz um jogo. Ele se recusa a se vacinar, mas ele diz que ele sempre apoiou a vacinação. A essa altura, a gente já sabe que a vacinação é uma estratégia coletiva”, direcionando-se para um nicho restrito que assiste ao seu vídeo em “Prestem atenção de quem é a culpa pelo que a gente está vivendo”. Ou seja, também se vale de apontar para quem está se remetendo ao produzir o seu dizer evidenciando, dessa forma, que a chamada “Prestem atenção” não se enquadra a todos os grupos sociais, mas a um específico, conforme o seu enunciado se desenvolve.

Constatamos, por conseguinte, que os enunciados se organizam mediante a função atribuída a cada sujeito: de um lado, um sujeito presidente que se constitui como pertencente a um grupo plural de seu governo, “apoiamos a vacinação”, e, de outro, um sujeito que, a partir da regularidade histórica, utiliza duas estratégias discursivo-políticas para reconstituir uma atualidade histórica de um mesmo acontecimento enunciativo. Primeiramente, os sujeitos comentaristas, em comum, dinamizam a fala a um interlocutor particular, um público representativo, que se distingue de um outro sujeito interlocutor que, supostamente, apoia o presidente. Isso nos induz a pensar que os sintagmas “Que realidade é essa que vocês criaram?”, “E sabe para quem ele está falando?” e “Prestem atenção de quem é a culpa pelo que a gente está vivendo” sinalizam a existência de alguém com quem se dialoga que não se aloca nesse grupo mencionado por Bolsonaro logo no início do pronunciamento. Nesse sentido, verificamos que as três sequências discursivas se remetem a um mesmo acontecimento histórico que lhe é exterior, isto é, criva-se por um mesmo princípio de formulação tática do dizer. A formação discursiva, assim, configura-se como a dinâmica entre o discurso anti-Bolsonaro em um sistema de dispersão singular nesse jogo de perguntas e respostas que faz emergir condições de emergência dos enunciados em concordância com a reatualização da fala do presidente. Assim, essa fala é problematizada por um grupo estrito de pessoas, aqueles que se contrapõem à integridade do apoio à vacinação. Observa-se um embate manifestado nessas sequências, o que confirma a tese foucaultiana do enunciado como exercício do poder. Além disso, essas reações são possibilitadas por meio do tecnodiscurso, especialmente em se tratando dos aspectos *ampliação, relacionalidade e investigabilidade*, de acordo com Peveau (2021).

Defende-se, então, que existe uma verdade que é negada pelo sujeito Bolsonaro, segundo os sujeitos *youtubers*. Posto isso, mencionam uma contraverdade, como em “Através do exemplo [...]”, “Ele está pegando o Brasil, a credibilidade do Brasil, jogando na lata do lixo [...]”, e “A essa altura, a gente já sabe que a vacinação é uma estratégia coletiva”. Por fim, os enunciados se relacionam historicamente a partir de uma equiparação entre o que é dito pelo sujeito presidente e o que, de fato, de acordo com os sujeitos comentaristas, ocorre na realidade histórica circular de uma verdade que é negada e omitida durante o pronunciamento na Assembleia Geral da ONU. Ou seja, as condições de emergência dos enunciados obedecem a um sistema regular que coloca em questão a verdade reiterada pelo sujeito presidente mediante a apresentação de uma contraverdade compartilhada como um *já-dito* com um público específico que assiste ao vídeo.

Em segundo lugar, examinemos sob quais condições de emergência o discurso anti-Bolsonaro se vincula a uma forma de controle, seleção e organização do que o sujeito Bolsonaro edificou e quais as estratégias discursivo-políticas adotadas pelos sujeitos antagonistas sustentam um efeito de verdade. Iniciemos com a proposição do presidente, ao afirmar “Contudo, o nosso governo tem se posicionado contrário ao passaporte sanitário ou a qualquer obrigação

relacionada à vacina”. Notamos, aqui, a apresentação de uma verdade, a de que o governo brasileiro enquanto uma unidade depreende uma postura particular a respeito da gestão da vacinação no país. Nando Moura reage a essa afirmação alegando “Mentiroso. Procure aí a Lei 13.979, de 2020 onde ele assinou a vacinação compulsória das pessoas, vacinação forçada. Ele assinou. Não acredite em mim não. Procure aí a Lei 13.979, de 2020”. Observamos que, novamente, o sujeito Nando Moura se posiciona contrariamente ao presidente ao apresentar um suporte legislativo, a lei 13.979, de 2020, para caracterizá-lo como “mentiroso”, ou melhor, incoerente com os dados apresentados.

Já Arthur do Val refuta a fala em “Isso aqui ele está falando para quem? O cara vai na ONU falar contra passaporte sanitário. E sabe para quem ele está falando? Ele não está falando para a ONU, ele está falando para o gado dele”. Constatamos, nesse trecho, que o sujeito Arthur do Val também coloca em questão a qualificação da postura do governo ante o uso do passaporte sanitário ao ridicularizar os seus apoiadores com o uso do termo “gado”, ou seja, uma estratégia discursivo-política utilizada para mostrar não somente a dificuldade de se acreditar no que foi dito, como em “Isso aqui ele está falando para quem?”, mas, também, para evidenciar que quem o apoia faz parte de um grupo de pessoas qualificadas como “gados”.

Por último, Gabriela Prioli enuncia “A essa altura, a gente já sabe que a vacinação é uma estratégia coletiva. Se a maioria da população fosse o Bolsonaro, a gente continuaria morrendo aos milhares por dia e a nossa economia continuaria fechada”. Percebemos aqui que o sujeito Gabriela Prioli desfaz a verdade defendida pelo presidente, em “a gente já sabe”, e critica negativamente a conduta de Bolsonaro mediante a associação que faz entre o pronunciamento e a contraverdade acerca da situação das mortes e da economia no Brasil. Utiliza como estratégia discursivo-política a referência aos *já-ditos* a respeito dos procedimentos adequados para contenção da propagação do vírus na realidade brasileira.

Inferimos, assim sendo, que o discurso anti-Bolsonaro se fixa nos enunciados a partir da conjuntura de normas capazes de gerenciar variabilidade de exclusões e escolhas do sujeito. Se, de um lado, temos um indivíduo que se constitui em sujeito presidente com fulcro em uma divisão de um sujeito que se filia a uma verdade e de um sujeito que não se filia a essa verdade, de outro, temos um sujeito constituído pela regularidade enunciativa demonstrada nos dizeres dos três *youtubers* denotando capitalização de uma contraverdade pressuposta. Nesse sentido, exclui-se a construção de uma verdade à qual o presidente se vincula e escolhe-se quais são as atitudes incoerentes ou inadequadas durante o pronunciamento. Vale ressaltar que, ao retomarmos essa divisão do sujeito Bolsonaro em duas perspectivas, aquele que diz uma verdade e aquele que nega uma outra verdade, referimo-nos a uma validação dessas práticas discursivas pelo olhar do outro, isto é, pela interpretação daquele que se depara com o dizer e maneja as próprias práticas discursivas, sempre em um jogo de avaliação e equiparação entre o que é dito e o que, de fato, ocorre na realidade.

Em terceiro lugar, investiguemos de que modo o poder disciplinar e o biopoder se exercem sobre os corpos dos sujeitos na plataforma digital *YouTube*, tomada como uma instituição social de controle. Inicialmente, entendemos que esse veículo virtual de compartilhamento de vídeos obedece a um conjunto de critérios para a análise do conteúdo postado, e os responsáveis decidem, em casos de violação das diretrizes estabelecidas, por condicionar a monetização de cada postagem ou até mesmo a retirada do vídeo de circulação no canal. Em outros casos, o canal também pode sofrer penalidades, como a suspensão temporária para possibilitar a aplicação de recursos por parte do usuário, ou suspensão definitiva em situações em que não há acordo judicial entre os envolvidos. Não objetivamos, vale destacar, discutir sob que circunstâncias essa restrição de conteúdo é determinante na interrupção do compartilhamento de vídeos, mas, em contrapartida, intentamos pontuar que essa rede social possui um filtro de sondagem do que pode ou deve ser dito pelos usuários.

Dessa forma, ao tratarmos o *YouTube* como uma instituição discursiva, verificamos que há uma série de normas de controle sobre aquilo que é permitido ser socializado, ou seja, os corpos são tratados na relação docilidade-utilidade a partir do momento em que se inserem nesse aparato institucional para consolidar quais manifestações enunciativas correspondem a uma forma adequada ou inadequada. Logo, o poder disciplinar se exerce na plataforma em concordância com o pressuposto de que as práticas discursivas dos sujeitos são conduzidas, sendo aceitas ou interdidas após análise das condições. Consumamos, portanto, que tanto a reprodução da fala do presidente da República na ONU quanto o comentário dos *youtubers* passaram por essa varredura; os dizeres foram autorizados a ser publicizados e, assim, conjura-se a ausência de resistência da natureza dos comentários.

Com base nesse alcance do poder disciplinar, aventamos a examinar o *corpus* para identificar como essas normatizações institucionais (sendo possível considerar a relação estreita entre os saberes médicos e científicos e o biopoder, que se trata do controle populacional, no caso, da saúde coletiva) desenredam os estatutos subjetivos e fomentam a divisão dos sujeitos em dadas posições distintas no discurso anti-Bolsonaro. A saber, se consideramos que a plataforma digital *YouTube* valida a aceitabilidade dos dizeres, direcionamos a operacionalização do poder disciplinar para a relação entre os sujeitos presidente e sujeitos analistas políticos. Nesse sentido, almejamos apresentar o recorte da fala de Bolsonaro de modo a demonstrar como a reatualização do pronunciamento ocorre nos vídeos a partir de um princípio de condução das condutas, isto é, a intervenção na prática discursiva. Por conseguinte, entendemos que, onde há sujeito, há poder em um enlace de dominação e resistência.

No contexto analisado, Bolsonaro afirma que “Desde o início da pandemia, apoiamos a autonomia do médico na busca do tratamento precoce seguindo a recomendação do nosso Conselho Federal de Medicina. Eu mesmo fui um desses que fez o tratamento inicial”. Tomamos esse recorte como o enunciado primeiro, e o recorte dos comentaristas como enunciados segundos. Nando Moura, em resposta a esse trecho, diz “E o cara falar que ‘Eu sou a prova do tratamento precoce’ que não existe. E eles continuam nisso, cara, nos grupos de *WhatsApp*. É ivermectina, remédio veterinário para vaca, é azitromicina, é cloroquina, é tudo que os caras inventam ali, cara”. Aqui, ocorre uma recuperação de uma memória discursiva a qual associa o “na busca do tratamento precoce” aos remédios ivermectina, azitromicina e cloroquina, ou seja, organiza o seu dizer acrescentando informações do histórico das práticas do presidente. Logo depois, realiza uma paráfrase da fala do presidente, mas acrescenta a palavra “prova”; em outras palavras, propõe que Bolsonaro já utilizou desse discurso em outros momentos externos ao pronunciamento. Além disso, desqualifica as fontes do tratamento ao mencionar os “grupos de *WhatsApp*” e utiliza o verbo “inventar” para justificar o uso injustificável ou desconhecido dos medicamentos. O sujeito Nando Moura se constitui como aquele que, nessa relação de poder, detém uma verdade, “que não funciona”, em detrimento à verdade vigente no discurso do presidente em razão de se filiar a uma premissa na qual o Conselho Federal de Medicina se desqualifica de sua função normativa e transfere a responsabilidade pela indicação do medicamento para os grupos de *WhatsApp*. Há, assim, uma crítica a essa disparidade entre fontes com procedência institucional, determinando, então, uma relação de resistência.

Já Arthur do Val reage ao excerto com a colocação “O cara vai na ONU falar de tratamento precoce... Não funciona no mundo inteiro, isso não funcionou. Isso é criminoso, isso é criminoso. Vir falar de cloroquina a essa altura, irmão. Isso é criminoso. Isso matou gente”. Primeiramente, condiciona o dizer à sugestão de um conjunto de requisitos de formulação do discurso ao atribuir à ONU um *status* de instituição legitimadora do que pode ou deve ser dito naquela circunstância, pois reitera, por várias vezes, o enunciado “O cara vai na ONU”, como se as alegações do presidente não fossem certificadas naquela eventualidade. Depois, desqualifica a verdade defendida pelo sujeito Bolsonaro ao afirmar que “Não funciona no mundo inteiro, isso não funcionou”, ou seja, baseia-se em uma anulação da verdade a partir de uma memória

discursiva referente à ineficácia do medicamento. Para tanto, o sujeito Arthur do Val se insere em uma formação discursiva jurídica ao dizer “Isso é criminoso, isso é criminoso”. Posto isso, concatena o lugar histórico da receita de medicamento para tratamento precoce, “Vir falar de cloroquina a essa altura, irmão”, a uma acusação civilmente considerada como crime na legislação a qual se filia em “Isso matou gente”. Em suma, o sujeito Arthur do Val se coloca em uma relação de poder que nega a verdade construída pelo presidente e a substitui por uma resignificação e transferência da prática discursiva de Bolsonaro do discurso político para o discurso jurídico. Essa estratégia discursivo-política demonstra a manifestação de uma resistência ao julgar a confissão de Bolsonaro, “Eu mesmo fui um desses que fez o tratamento inicial”, como de ordem criminosa.

Por último, Gabriela Prioli avalia a fala do presidente da República sobre o tratamento precoce em “Uma coisa que eu reparei na hora que ele foi defender o tratamento precoce, foi essa puxada do Conselho Federal de Medicina para junto dele. Fica aí o alerta para o Conselho Federal de Medicina de que essa é uma boa oportunidade para se desvincular dessa maluquice” e, em seguida, direciona o seu dizer para o interlocutor em “Vocês estão vendo o que aconteceu com os militares que se amarraram nesse governo e não saíram enquanto era tempo. Um abraço de afogado”. Em primeiro lugar, utiliza, como estratégia discursivo-política, a resignificação do trecho “apoiamos a autonomia do médico” em associação com “seguindo a recomendação do nosso Conselho Federal de Medicina”, falas do presidente, e menciona o Conselho Federal de Medicina para que o órgão se desvincule dessa “maluquice”, isto é, entendemos que a escolha dessa qualidade se refere a um elemento de resistência ao enunciar, já que pauta-se no pressuposto de que o Conselho Federal de Medicina não compactua com tais afirmações sobre o tratamento precoce, como no mencionado dito popular “Um abraço de afogado”. Verificamos uma força de resistência nessa relação de poder baseada na premissa de que o governante produz o seu dizer em concordância com o que foi recomendado pelo conselho, prática discursiva essa nomeada de “maluquice”.

Em síntese, ao refletir sobre a reação dos três sujeitos ao pronunciamento do sujeito Bolsonaro, no que se refere à utilização do tratamento precoce no combate aos sintomas da Covid-19, notamos uma regularidade nos enunciados. Todos se valem de uma desqualificação do dizer, questionando a veracidade dos fatos, e apresentam termos marcantes de uma resistência, tais como a escolha dos sintagmas “não existe”, “isso não funciona” e “desvincular dessa maluquice”. Além do mais, as relações de poder entre o sujeito presidente e os sujeitos *youtubers* obedecem a uma ordem comum que aproxima o interlocutor do tema ao utilizar termos populares ou coloquiais, como em “remédio veterinário para vaca”, para explicar o que é ivermectina; “ele está falando para o gado dele”, para mencionar os apoiadores do governo; e “Um abraço de afogado”, para ilustrar o posicionamento de Bolsonaro sobre a responsabilidade do Conselho Federal de Medicina no sentido de conceder apoio à instituição, mas ser, de alguma forma, prejudicado com as declarações.

Por essa razão, ao retornar ao objetivo deste trabalho, observamos uma relação entre o saber da medicina acionado pelos sujeitos, sob a perspectiva arqueológica, e o poder médico demonstrado na dissonância entre o que foi tomado como uma verdade e o que foi tomado como uma contraverdade, sob a perspectiva genealógica. Assim, o discurso anti-Bolsonaro emerge dessas condições de possibilidade descritas, pois o que se pode ou deve dizer sobre o discurso de Bolsonaro na ONU apresenta regularidades na fala dos três *youtubers*, como o resgate de um conjunto de memórias discursivas para a equivalência do que foi mencionado pelo presidente e o que, de fato, ocorreu na realidade mediante as suas posições no discurso em questão. Dessa forma, ocorre, aqui, a movimentação de diferentes formações discursivas políticas, jurídicas e médicas.

Por fim, conduzimos a análise para a eleição dos elementos de subjetivação presentes nos enunciados, visando delinear as propriedades do que chamamos de sujeito anti-Bolsonaro, em

outras palavras, o sujeito ocupante de uma posição anônima no discurso anti-Bolsonaro a partir das regularidades das condições de possibilidade. Para tanto, examinemos como os sujeitos se posicionam no discurso anti-Bolsonaro consoante análise das sequências discursivas. Primeiro, Nando Moura afirma “Pior que este cara, é só quem ainda o apoia, quem ainda não acordou. Acorde, meu irmão. Saia desta Matrix. [...] É isso aí, para você ver a situação do país”. Observamos como estratégia discursivo-política o deslocamento do sujeito interlocutor da posição de sujeito anti-Bolsonaro em “Pior que este cara, é só quem ainda o apoia” para sujeito bolsonarista em “Acorde, meu irmão. Saia desta Matrix”. Em seguida, atribui a responsabilidade das consequências negativas apresentadas no início do enunciado aos sujeitos bolsonaristas ao criticar os efeitos na nação em “É isso aí, para você ver a situação do país”, reativando, novamente, uma memória discursiva sobre a atual situação do Brasil, o que evidencia, assim, elementos de subjetivação na constituição desse sujeito.

Já Arthur do Val encerra a sua fala asseverando “Esse é o nível do presidente do Brasil, cara. [...] Não existe nada mais urgente do que derrubar esse cara. Nós não podemos mais ser essa piada internacional. Nós pagamos a conta. [...] Lembre-se disso, lembre-se disso o ano que vem”. A estratégia discursivo-política, aqui, se configura como uma regularidade tanto em “Esse é o nível do presidente do Brasil, cara” quanto na percepção de Nando Moura quando diz “É isso aí, para você ver a situação do Brasil”, em que ambos os sujeitos se valem de resgatar uma memória discursiva de situação precária da nação para compor o seu argumento e revelar, ainda, elementos de subjetivação. Em seguida, o sujeito Arthur do Val também desloca o sujeito interlocutor de sujeito anti-Bolsonaro, como em “Nós não podemos mais ser essa piada internacional”, para o sujeito bolsonarista, como em “Lembre-se disso, lembre-se disso ano que vem”, pois parte-se do pressuposto de que os apoiadores de Bolsonaro devem refletir sobre as próximas eleições, uma vez que a ação de “lembrar” se articula com a ação de “esquecer” e associamos essa oposição à última eleição. Além do mais, o sujeito Arthur do Val aciona a urgência em “derrubar esse cara” enquanto medida de contenção da conduta do presidente, portanto, demonstra o antagonismo à construção da verdade em torno do tratamento precoce.

Por último, Gabriela Prioli desenvolve as suas considerações finais a despeito do pronunciamento ao dizer que “Ele sabia o que ele precisava fazer e não fez porque o Jair só pensa nele mesmo e ele te ferrou, nos ferrou, não porque ele não sabia, mas porque foi isso que ele quis fazer. Não se iludam. O Jair Bolsonaro não serve para ocupar a cadeira da presidência”. Visualizamos nessa sequência discursiva uma estratégia discursivo-política semelhante às dos sujeitos Arthur do Val e Nando Moura. O sujeito Gabriela Prioli igualmente utiliza o artifício de deslocar o sujeito interlocutor da posição de sujeito anti-Bolsonaro para o sujeito bolsonarista ao escolher conjugar o verbo “ferrar” em duas pessoas, tais como em “ele te ferrou”, para se distanciar do sujeito bolsonarista, e em “ele nos ferrou”, para se incluir nessa prática discursiva, construindo um jogo de elementos de subjetivação observáveis. Por fim, afirma “Não se iludam”, ou seja, direciona o seu dizer para todos os sujeitos interlocutores ao encerrar a sua fala com uma avaliação, regular nas três sequências discursivas, de que “O Jair Bolsonaro não serve para ocupar a cadeira da presidência”. Visualizamos, nessa tática, um manejo com o sujeito interlocutor em uma sucessão de intercalações a quem o discurso é endereçado, a fim de sustentar uma rotatividade estratégica do destinatário como artifício argumentativo.

Mediante a análise das quatro sequências discursivas, demonstramos que as relações entre o saber médico, jurídico e político incidem sobre as relações de poder delineadas entre, de um lado, o sujeito Bolsonaro, e, de outro, um sujeito que se constitui em sujeito anti-Bolsonaro enquanto uma função anônima e, ao mesmo tempo, dotada de uma identidade reconhecida na regularidade de ativação de uma memória discursiva sobre o histórico do presidente da República. Enfim, averiguamos que o discurso anti-Bolsonaro emerge sob condições de possibilidade crivadas por saberes distintos, relações de poder específicas e práticas de subjetivação do sujeito interlocutor. Esse discurso anti-Bolsonaro serve de conjectura para que a

constituição do sujeito anti-Bolsonaro se estruture a partir de um jogo de posições de resistências antagônicas e a construção de uma verdade sobre o tratamento precoce que se desvincula da realidade defendida estrategicamente pelos sujeitos anti-Bolsonaro. Assim, a plataforma digital *YouTube* legitima a produção desses enunciados ao não tomar medidas de censura; além disso, os sujeitos anti-Bolsonaro, apesar de produzirem materialidades significativas diferentes, posicionam-se nesse discurso anti-Bolsonaro à medida que se valem de uma memória discursiva para arquitetar as suas percepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, no início deste artigo, a hipótese de que os sujeitos comentaristas se constituem, regularmente, sob semelhantes condições históricas as quais estabilizam certas estratégias discursivo-políticas com função antagônica à conduta do presidente da República Bolsonaro durante a gestão dos impactos ocasionados pela pandemia da Covid-19 no ano vigente de 2021. Constatamos, na análise do *corpus*, uma série de regularidades enunciativas condizentes com a emergência do que chamamos de discurso anti-Bolsonaro. Para tanto, os sujeitos comentaristas se valem de táticas recorrentes para formular os dizeres com base na mobilização de uma memória discursiva comum.

Demonstramos que o recorte da fala do presidente da República relacionado ao apoio à vacinação, a postura ante a exigência do passaporte sanitário e a defesa do tratamento precoce como medida de prevenção aos efeitos negativos do vírus desencadeou uma reação adversa dos *youtubers* que, ponto a ponto, apresentaram práticas discursivas de resistência. Em primeiro lugar, os sujeitos organizaram os seus dizeres de modo a reatualizar a fala do presidente para uma negação de uma verdade em detrimento de uma contraverdade. Para tanto, os três comentaristas mencionam o mesmo acontecimento histórico, a subversão ao apoio à vacinação mencionada por Bolsonaro, revelando condições semelhantes de instauração dos enunciados.

A respeito das condições de emergência do discurso anti-Bolsonaro, verificamos que os sujeitos ordenaram os enunciados com fulcro na fixação de palavras e sintagmas variáveis em uma conjectura de exclusões e escolhas de significados contraditórios e opositivos à verdade delegada pelo presidente. Como estratégia discursivo-política, todos os sujeitos dividiram o sujeito Bolsonaro em dois: um sujeito Bolsonaro que fala a verdade para os seus apoiadores; e um sujeito Bolsonaro que se desvincula dessa verdade para apresentar uma realidade incoerente com o olhar histórico dos sujeitos *youtubers*. Ocorre, aqui, em comum a todos os comentaristas, um esquema do que é dito sempre em associação ao que ocorre, de fato, na realidade apresentada nos enunciados.

Sobre a investigação das configurações do poder disciplinar exercido sobre os corpos dos sujeitos na plataforma digital *YouTube*, observamos que os sujeitos obedeceram às diretrizes normativas da rede social, que, por sua vez, autorizou a publicização do conteúdo. Além do mais, averiguamos uma regularidade nos enunciados quando os sujeitos comentaristas utilizaram expressões de cunho populares ou coloquiais como uma estratégia para atingir públicos diversos. Ainda, notamos a existência de um entrecruzamento entre os saberes médicos, jurídicos e políticos concatenados com discursos dessas naturezas. Essas instâncias institucionais autorizaram a prevalência de relações de poder predominantemente compostas por alegações que buscam desqualificar a validade dos efeitos de verdade defendidos pelo presidente.

Por último, mostramos, no *corpus*, como os elementos de subjetivação evidenciaram uma posição do sujeito comentarista em relação ao sujeito interlocutor. Observamos a regularidade de uma estratégia discursivo-política em que cada comentarista direciona a sua fala para os apoiadores do presidente, os sujeitos bolsonaristas, e, em outros momentos, direciona a sua fala para outro público antagônico à postura de Bolsonaro, os anti-Bolsonaro. Enfim, o discurso anti-Bolsonaro emerge na rede digital *YouTube* a partir de estratégias político-discursivas regulares nos

três sujeitos à medida que o discurso de Bolsonaro na ONU sofre reatualizações significativas e se vincula a uma verdade em detrimento de uma contraverdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GREGOLIN, M. R. Língua(gens), mídia(s) e poder sob a ótica discursiva foucaultiana. **Revista Heterotópica**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 70-83, jan.-jun. 2020.

PAVEAU, M.-A. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Submetido em 26/10/2022

Aceito em 27/01/2022